



REVISTA
DOUTRINAS
BATISTAS

EXPEDIENTE

Primeira Igreja Batista em Divinópolis-MG

Pastor-Presidente: Pr. Alessandro de Oliveira

Área Ministerial de Formação Cristã

Pr. Petrônio Almeida Borges Júnior

PALAVRA VIVA

Revista de estudos bíblicos para jovens e adultos.

Trilho de Formação Cristã da Escola Bíblica Dominical.

Coordenação Editorial Pr. Petrônio Almeida Borges Júnior

2023 – Ano VI – Nº 03

Nova Vida

Autores

Carlos Alberto Baptista - Eclesiologia

Tarcísio Farias Guimarães – Memória e Identidade Batista

Alda Adília Guimarães Pereira – História da PIB DIV

Eliseu Ferreira - História da PIB DIV

Revisão

Pr. Petrônio Almeida Borges Júnior

Capa Igor Batista



Filiada à Convenção Batista Brasileira,
Convenção Batista Mineira
e Associação das Igrejas Batistas do Oeste de Minas

Telefone: (37)3222-9664 | (37)3221-1910

Endereço: Rua Pernambuco, 454 - Centro. Divinópolis / MG | 35.500-008

E-mail: pibdiv@hotmail.com | Site: www.pibdiv.org

SUMÁRIO

PARTE I

ECLESIOLOGIA – Pr. Carlos Alberto Batista

PARTE II

MEMÓRIA E IDENTIDADE BATISTA – Pr. Tarcísio Farias Guimarães

PARTE III

HISTÓRIA DA PIB DIV – Alda Adília Guimarães Pereira e Eliseu Ferreira

PARTE I

ECLESIOLOGIA

Pr. Carlos Alberto Baptista

INTRODUÇÃO

A palavra eclesiologia é de origem grega. Provém da junção de duas palavras: EKKLESIA (igreja) e LOGOS (estudo, tratado). Assim, a palavra eclesiologia significa ESTUDO DA IGREJA OU DOCTRINA DA IGREJA. É aparte da teologia que trata da vida da Igreja.

Será muito oportuno abordarmos essa importantíssima doutrina cristã, face aos novos modelos de igreja que estão urgindo em nossos dias, para confundir àqueles que fazem parte da verdadeira igreja de Cristo.

1) IGREJA – SENTIDO ETIMOLÓGICO DA PALAVRA: o vocábulo igreja é a tradução da palavra grega EKKLESIA, que provém de duas outras palavras gregas: a preposição EK, que significa fora ou fora de, e o verbo KALEO, chamar, convocar em alta voz. Juntando as duas temos a palavra Eclésia que significa aqueles que são chamados para fora, ou evocados. O seu emprego de um modo geral no grego é para expressar a ideia de ASSEMBLÉIA, REUNIÃO, CONGREGAÇÃO.

2) O SIGNIFICADO CRISTÃO DE IGREJA: a ideia de igreja era bem conhecida dos discípulos de Jesus. Em Mateus 16.18, em essência, era isso que Jesus queria dizer: "os judeus têm sua assembleia, os gregos também, mas eu vou edificar a minha assembleia". Portanto, a Igreja de Cristo é uma comunidade composta por todos aqueles que são chamados por Ele, e que deixam tudo para segui-lo. Cristo é o dono, senhor, fundador e fundamento da Igreja Cristã (I Co. 3.11; Ef. 2.19-21).

2.1. O significado no sentido universal: neste sentido, inclui todos os crentes em Cristo, de todas as épocas, sem distinção denominacional (Mt. 16.18). Indica a comunidade total dos remidos sem ligação à localidade ou o tempo (At. 12.1; I Co.15.9; Gl. 1.13; Fl. 3.6).

2.2. O significado no sentido local: neste sentido a igreja está limitada ao tempo e ao espaço / localidade. A igreja local é uma comunidade/assembleia, agindo sob o comando do Espírito Santo, numa determinada localidade aqui na terra, com o propósito de expandir o Reino de Deus na terra. A igreja local tem nome e endereço. Para fazer parte da igreja universal, basta crer em Jesus, mas para fazer parte da igreja local, além de crer em Jesus, é preciso ser batizado (At. 8.1-3; Gl. 1.1-2; Ap. 1.20)

3) FIGURAS QUE DESCREVEM A IGREJA DE CRISTO:

3.1. Corpo de Cristo (Ef. 4.12) – a igreja é o corpo de Cristo, vivo e atuante no mundo. Os cristãos são seus membros (I Co. 12.12-14) e Cristo é a cabeça (Ef. 5.23).

3.2. Rebanho de Deus (I Pe. 5.2) – conceito tirado do A. T. Deus como o pastor de Israel (Ez. 34.31).

3.3. Casa de Deus ou Santuário de Deus (I Co. 6.19-20; Ef.2.21-22; I Tm. 3.15) – a igreja é a morada de Deus. Ele mora em cada membro da sua igreja.

3.4. Coluna e firmeza da verdade (I Tm. 3.15) – a igreja não é a verdade, mas o sustentáculo da verdade.

3.5. Família de Deus ou família da fé (Ef. 2.19; Gl. 6.10) – a igreja com todos os seus membros forma uma família espiritual.

3.6. Israel de Deus (Gl. 6.16) – a igreja é o novo Israel de Deus, visto que o primeiro rejeitou seu Filho, o Messias (Jô.1.11-12).

3.7. Carta de Cristo (II Co.3.3) – a igreja leva a mensagem de Deus aos homens.

3.8. Os do Caminho (At. 9.2; 19.9, 23; 24.14) – a igreja aponta para aquele que é o Caminho: Jesus.

3.9. Geração eleita – a igreja é composta pelos escolhidos por Deus (I Pe. 2.9).

3.10. Sacerdócio real – a igreja é um povo de sacerdotes, isto é, todo crente pode ir à presença de Deus sem intermediários (I Pe. 2.9).

3.11. Nação santa – a igreja é formada por todos aqueles que um dia foram santificados por Cristo (I Pe. 2.9).

3.12. Povo exclusivo, particular (Tt. 2.14; I Pe. 2.9) – a igreja é propriedade particular e exclusiva de Deus (Sl. 100.3).

3.13. Noiva/Esposa do Cordeiro (Ap. 19.9; 21.2; 22.17) – a igreja é a noiva que está se preparando para encontrar-se com o seu Noivo (Jesus Cristo).

4) A IGREJA E O REINO DE DEUS: Embora alguns confundam a igreja com o reino de Deus, devemos observar que são realidades distintas. a igreja, como composta de todos os crentes, está dentro do Reino de Deus. Ela faz parte do Reino, mas não é o Reino. O Reino de Deus se refere ao domínio de Deus sobre todas as coisas criadas por Ele. Através da Igreja o Reino espiritual se torna palpável. Também, é através da Igreja que o Reino de Deus vai se expandindo pelo mundo.

5) QUALIDADES ESSENCIAIS DA IGREJA:

5.1. Fundamentada na Bíblia: a Bíblia é a nossa única regra de fé e prática, o manual que nos ensina a agir corretamente, segundo a vontade de Deus (Jô. 5.39; 10.35; 14.23,26; At. 17.11; II Tm. 3.16).

5.2. Unidade e diversidade: unidade porque todos os membros formam um só corpo em Cristo; diversidade porque tem muitos membros (I Co. 12.14-30; Fl. 2.2; 4.2-3; Ef. 4.3).

5.3. Santidade: a igreja se denomina "os santos" porque foi justificada e santificada por Cristo (I Co. 1.2; 6.11; I Pe 1.2)

5.4. Comunhão: a igreja é a família de Deus, e como tal deve viver em comunhão fraterna. A prática do amor deve ser a marca registrada da igreja de Cristo (Sl. 133.1; Jô. 13.34-35; At. 2.42, 47; Rm. 12.9-21; I Jô. 4.7-8)

6) PROPÓSITOS DA IGREJA NA TERRA:

6.1. Adoração (Jo. 4.24; I Co. 14. 26; Ap. 1.6).

6.2. Evangelização (Mt. 28.19-20; AT. 1.8).

6.3. Comunhão (At.2.42-47).

6.4. Serviço (Rm. 12.6-7; I Co. 12.4-7; Gl. 5.13; 6.10).

6.5. Discipulado (Mt. 28.19-20; At. 2.42; 5.42).

6.6. Mordomia (I Co. 4.1-2; II Co. 9.6-7; Ef. 15-17; I Tm. 5.8; I Pe. 4.10).

7) O QUE É UMA IGREJA BATISTA?

7.1. Origem dos Batistas: A primeira igreja batista que se tem conhecimento foi organizada por um grupo de ingleses, liderado por John Smyth, em Amsterdam, Holanda, por volta de 1609, que estava fugindo da perseguição religiosa, promovida pelo rei Jaime I, da Inglaterra. John Smyth, ao chegar na Holanda, organizou a segunda Igreja Separatista (separados da Igreja Anglicana), que mais tarde se tornaria a primeira Igreja Batista, por ter rejeitado o batismo infantil, exigindo que os candidatos ao batismo fossem aceitos mediante profissão de fé. Cessando a perseguição na Inglaterra, Tomas Helwys, que tinha sido batizado por Smyth, e outros da nova igreja, voltaram para a Inglaterra por volta de 1611 e organizaram-se em Igreja Batista, a primeira que se sabe ter existido em terras inglesas. É bom que se esclareça que o nome "BATISTA" é um rótulo, um apelido, adotado por aqueles que perseguiram os batistas, com o objetivo de melhor identificá-los.

7.2. O Conceito de Igreja para os Batistas: A Declaração Doutrinária da CBB, no seu artigo VIII, assim define o que é uma igreja: "Igreja é uma congregação local de pessoas regeneradas e batizadas após profissão de fé".

Para efeito de Estatuto, juridicamente, podemos definir uma Igreja Batista da seguinte maneira: “Igreja é uma sociedade civil autogovernativa, de natureza religiosa, constituída de acordo com as leis do país, sem fins lucrativos, composta de um número ilimitado de pessoas sem distinção de sexo, raça, idade ou condição social, convertidas a Jesus Cristo e batizadas conforme as doutrinas e práticas do Novo Testamento, que tem como finalidades: reunir-se para prestar culto a Deus, estudar a Bíblia, proclamar o Evangelho, promover a obra missionária no mundo inteiro, praticar a beneficência e administrar os seus próprios negócios”.

7.3. Peculiaridades das Igrejas Batistas:

- a) A Bíblia como única regra de fé e prática.
- b) Liberdade de consciência
- c) Sacerdócio universal dos crentes
- d) Batismo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, exclusivamente por imersão, para aqueles que livremente professam sua fé em Jesus como seu Salvador pessoal.
- e) Separação entre Igreja e Estado
- f) Ceia do Senhor memorial e simbólica
- g) Forma de governo democrático-congregacional
- h) Igrejas locais autônomas e soberanas que cooperam voluntariamente umas com as outras.
- i) Inexistência de hierarquia e sucessão eclesiástica.
- j) Livre interpretação das Escrituras Sagradas
- k) Perseverança dos crentes
- l) Ardor pela obra missionária.

8) A IGREJA E SEU GOVERNO

- a) Monárquico: só um é que governa. Ex. Igreja Católica -governada pelo Papa
- b) Oligárquico: do grego óligos (pouco) + arquê (poder, governo). Um pequeno grupo é que governa. Ex. Igreja Presbiteriana – governada pelo presbitério.
- c) Democrático-congregacional: é o governo exercido pela congregação. São os crentes que decidem, em assembleia, as ações da igreja. Ex. Igrejas Batistas

9) A IGREJA E SUAS ORDENANÇAS

9.1. Batismo

9.1.1. Formas de batismo:

- a) Aspersão: salpicar água na cabeça dos batizando
- b) Afusão: derramar água na cabeça dos batizando
- c) Imersão: mergulhar os batizando na água.

9.1.2. Qual é a forma correta e por quê? A forma correta é a imersão total do crente, conforme nos ensina a Bíblia. O verbo batizar vem do grego BAPTIZO (mergulhar, imergir, afundar). Só a imersão simboliza a morte e a ressurreição de Cristo, bem como a morte do velho homem e o surgimento do novo homem (Rm 6.1-4; II Co. 5.17; Cl. 2.12) Além disso, não nos cabe decidir qual é a forma correta, mas obedecer à Palavra de Deus.

9.1.3. Quem deve ser batizado? Todo aquele que crê em Jesus. Por isso, os batistas não batizam recém-nascidos. (Mc. 16.15-16; At. 8. 36-38).

9.1.4. Por que ser batizado?

- a) Obedecer à Palavra de Deus
- b) Testemunhar publicamente que somos seguidores de Cristo.

- c) Simbolizar que o crente é uma nova criatura
- d) Fazer parte de uma igreja local / visível.

9.2. Ceia do Senhor

9.2.1. Abrangência da participação – quem deve participar?

- a) Ceia livre – qualquer pessoa pode participar
- b) Ceia aberta – qualquer evangélico pode participar
- c) Ceia restrita – só pessoas da mesma denominação podem participar
- d) Ceia ultra-restrita – só pessoas da mesma igreja local podem participar

9.2.2. Significado teológico:

- a) Transubstanciação: os elementos da Ceia (pão e vinho), transformam-se no corpo e no sangue de Cristo. O participante come e bebe, respectivamente, o corpo e o sangue de Cristo. Ex. Igreja Católica.
- b) Consubstanciação: Após a consagração dos elementos da Ceia pelo ministrante, as moléculas da carne e do sangue de Cristo, unem-se ao pão e ao vinho. O participante come a carne e bebe o sangue de Cristo, embora os elementos (pão e vinho) não se modifiquem. Ex. Igreja Luterana.
- c) Presença mística: a Ceia é vista como um sacramento que transmite bênçãos aos seus participantes. Ex. Igreja Presbiteriana
- d) Memorial e Simbólica: a Ceia é vista como um memorial da morte de Cristo. Seus elementos apenas simbolizam o corpo e o sangue de Cristo (I Co. 11. 23-26). Ex. Batistas.

OBS.: Para os batistas, o batismo e a ceia não são sacramentos, mas apenas ordenanças. Não conferem nenhum benefício espiritual para seus participantes. São chamadas de ordenanças porque são mandamentos ou ordens dadas por Jesus aos seus discípulos.

10) A IGREJA E SUA LIDERANÇA (Fl. 1.1.2)

10.1. Líderes Oficiais (eleitos, escolhidos ou nomeados para administrar a igreja local)

10.1.1. Bispos: São os líderes principais das igrejas, responsáveis em guiá-las espiritualmente. A sua autoridade sobre os seus liderados não é hierárquica, mas espiritual; dada por Deus e aceita pela igreja. São três os títulos do líder principal da igreja:

a) Pastor: do grego poimen - aquele que pastoreia ou que cuida do rebanho (Jo. 21.16; At. 20.28; Ef. 4.11)

b) Presbítero: do grego presbíteros - ancião, velho, idoso. É um título que se refere à maturidade que o pastor deve ter para liderar, e não necessariamente à sua idade (At. 14.23; 20.17; I Tm. 3.6; 4.14; I Pe. 5.1-3).

c) Bispo: do grego episcopos - superintendente, aquele que inspeciona, aquele que supervisiona, alguém incumbido de observar o que está sendo feito por outros. Refere-se à capacidade de coordenar, administrar a igreja (At. 20.28; ITm.3.1-7)

10.1.2. Diáconos e diaconisas: do grego DIÁCONOS – aquele que serve, ministro, servente, criado, servo, garçom (Rm. 16.1; Fl. 1.1; I Tm. 3.8-13). São os auxiliares diretos do pastor. Não exercem uma função específica. Hoje em muitas igrejas são chamados de Ministros ou Servidores.

10.2. Líderes Extraoficiais: tinham funções espirituais, e não administrativas (I Co. 12.28-31; Ef. 4.11).

a) Apóstolo – do grego apóstolos – aquele que é enviado. O apóstolo é um missionário (At. 13.1-3; 14.14; Rm.1.1; I Co.4.9; 9.1-2; I Ts. 2.6; I Tm. 1.1).

b) Profeta – do grego profetes – aquele que fala em nome de Deus, porta voz, aquele que prega admoestando, edificando e exortando. O profeta é um proclamador ou pregador da Palavra de Deus (I Co. 12.28-29; 14.1-3, 29).

c) Doutor ou mestre – do grego didáscalos – aquele que ensina ou instrui (Rm. 12.7)

d) Evangelista – do grego euangelistes – aquele que anuncia as boas novas de salvação (At. 21.8; II Tm. 4.5)

11) A IGREJA E A RECEPÇÃO DE MEMBROS

a) Batismo

b) Carta de transferência (somente para igrejas filiadas à Convenção Batista Brasileira) – At. 18.27; II Co. 3.1.

c) Aclamação / testemunho / declaração (de outras igrejas evangélicas imersionistas)

d) Reconciliação (ex-membros)

12) A IGREJA E A SAÍDA DE MEMBROS

a) Carta de transferência (somente para igrejas filiadas à CBB)

b) Morte

c) Eliminação do rol de membros (Mt.18.17, I Co. 5.1-13)

13) A IGREJA E A DISCIPLINA ECLESIAÍSTICA

13.1. O valor da disciplina: visa manter a pureza e a santidade da igreja, o bom testemunho perante os incrédulos, formar o caráter cristão e preservar a identidade doutrinária da igreja (Ef. 5.25-27; I Ts. 4.7; I Pe. 2.12, Tt. 1.9-11).

13.2. Tipos de disciplina:

a) Formativa e Preventiva: é aplicada através dos sermões, estudos bíblicos, exortações etc. Tem a finalidade de formar o caráter e a consciência do crente, assim como preveni-lo contra o pecado (Gl.4.19; II Tm. 3.16-17)

b) Corretiva: tem como objetivo corrigir a conduta errada de um membro da igreja. Deve ser aplicada com amor e mansidão (Gl. 6.1; I Tm. 5.1; II Tm.2.24-26)

c) Cirúrgica: quando os pecados trazem escândalo e ofensas públicas à moral, com o agravante da insubmissão, a igreja não deve ser tolerante. Eliminação do membro é o caminho mais acertado (Mt. 18.17; I Co. 5.1-13)

13.3. O Processo da disciplina eclesiástica deve seguir a orientação dada por Jesus em Mt. 18.15-17; I Tm. 5.19-20; Tt.3.10-11)

14) A IGREJA E O CULTO

14.1. O Que é Culto? Culto é oferecimento voluntário de homenagem, honra e louvor ao Criador. O objetivo primário do culto é a adoração a Deus; o secundário, o enlevo espiritual do adorador.

14.2. O Dia do Senhor – É o nosso dia especial para o descanso e o culto ao Senhor, conforme estabelecido por Deus desde o princípio. Desde a ressurreição de Cristo, os seus discípulos fizeram do 1º Domingo o Dia do Senhor, sendo o primeiro da semana (Jo. 20.1,19,26; At. 20.7; I Co. 16.1,2; Ap.1.10).

14.3. Princípios Normativos do Culto Cristão

- a) Fundamentado na Bíblia (I Co. 4.6)
- b) Teocêntrico (Ex. 20.3; Ap. 19.10)
- c) Em espírito e em verdade (Jo. 4.24)
- d) Com decência e ordem / reverente (I Rs. 18.26-29; ICo.14.26-33, 40; Ef. 4.31)
- e) Com sinceridade (Mt. 15.7-8)
- f) Com entendimento/consciente (Rm. 12.1; I Co. 14.15)
- g) Com alegria (Sl.100.2)
- h) Em qualquer lugar (Jo. 4.19-23)
- i) Em qualquer dia e hora (Cl.2.16-17; Rm. 14.5)
- j) Transformador (Jo. 8.32; II Co. 5.17).
- k) Simplicidade (Sl. 51.17; Mq. 6.8)
- l) Pedagógico (I Co. 14.26)

14.4. O que o culto, não é?

- a) Entretenimento
- b) Show / exibição artística
- c) Desfile de modas
- d) Passa tempo
- e) Balbúrdia

f) Método catártico / desabafo emocional

g) Sessão de exorcismo

14.5. Partes de um culto (modelo baseado em Is. 6.1-8).

a) Processional

b) Prelúdio

c) Chamada à adoração

d) Adoração e louvor

e) Contrição e confissão

f) Proclamação e edificação

g) Dedicção e gratidão

h) Poslúdio

i) Recessional

14.6. Elementos de um culto

a) Orações

b) Leitura da Palavra de Deus

c) Música: hinetos, hinos, solos, corais, conjuntos, instrumentos musicais etc.

d) Pregação / sermão

e) Declamação

f) Peça de teatro

g) Apoteose

h) Jegral

i) Outros, mas com decência e ordem, sempre visando proclamar a glória de Deus.

15) A IGREJA E A COOPERAÇÃO DENOMINACIONAL

15.1. Crêem os batistas que cada igreja é independente e autônoma, com capacidade para dirigir seus próprios negócios, conforme os ensinamentos do NT. Contudo, defende que as igrejas batistas devem cooperar umas com as outras. Para que isso aconteça de maneira mais eficiente, foram criadas as associações regionais, convenções estaduais e a Convenção Batista Brasileira.

15.2. As associações, convenções ou quaisquer outras organizações batistas são formadas de indivíduos, e não de grupos de igrejas.

15.3. As igrejas não estão subordinadas às associações, convenções ou a quaisquer outras organizações.

15.4. Para fazer parte de uma associação regional ou convenção, a igreja precisa pedir o seu ingresso e aceitar os seus estatutos e declaração doutrinária. A igreja que descumprir os seus estatutos pode ser desligada, caso não se retrate.

15.5. A cooperação se dá em várias áreas: missões, ação social, educação secular e teológica, literatura etc. Isso é possível através do Plano Cooperativo, isto é, as igrejas são estimuladas a enviarem 10% de suas entradas financeiras para as convenções estaduais, que por sua vez passam para a C.B.B.um percentual estipulado por elas. Também ofertas são levantadas em dias especiais, como por exemplo, nos dias especiais das ofertas missionárias.

16) A IGREJA E A SUA RELAÇÃO COM OUTRAS DENOMINAÇÕES

16.1. Os batistas não recebem nem expedem cartas de transferência a igrejas de outras denominações.

16.2. Os batistas relacionam-se com igrejas de outras denominações autenticamente evangélicas, no que tange à pregação do evangelho, à ação social e ao movimento em defesa dos direitos humanos, da moral e dos bons costumes.

16.3. Os batistas são visceralmente contra o ecumenismo (movimento liderado pela Igreja Católica que visa a unificação de todas as denominações identificadas como cristãs).

17) A IGREJA E A OBRA MISSIONÁRIA

17.1. Cremos como disse Oswald Smith: "A tarefa suprema da Igreja é a evangelização do mundo."

17.2. Reconhecemos que a Igreja tem outros propósitos, mas cremos que o principal deles é a evangelização do mundo. Uma igreja que perde essa visão, deixa de ser igreja de Cristo, tornando-se uma mera agremiação social e filantrópica. Cristo fundou a sua igreja para levar o evangelho ao mundo todo. Inclusive, Ele condicionou a sua volta a este mundo à pregação do evangelho a toda criatura (Mt. 4.19; 9.36-38; 24.14; 28.19-20; Lc. 19.40; Jo. 4.34-35; At. 1.8; 4.31)

17.3. Cremos que a Igreja de Cristo é por natureza missionária. Logo, cada membro é um missionário em potencial. Existem duas classes de missionário: os que são enviados para os campos para pregar o evangelho e os que ficam para promover o sustento daqueles que foram. Estes devem sustentar aqueles com orações e com recursos materiais. Também é obrigação de todo crente ser uma testemunha fiel de Cristo (At. 1.8; 4.19-20; 13.2-4; I Co. 3.6-9; 9. 1-16).

18) A IGREJA E O SEU PASTOR

O progresso do Reino de Deus aqui na terra depende em grande parte do ministério pastoral. Os pastores têm uma grande responsabilidade em suas mãos para executarem. Para que possam exercer bem o seu ministério, precisam da cooperação e da compreensão das suas ovelhas. O que as igrejas devem fazer para retribuir a dedicação de seus pastores?

18.1. A igreja deve orar pelo seu pastor (Lc. 22.31-32; Ef.6.18-19; Fl. 1.3-4; Cl. 4.2-4; I Ts.5.25)

18.2. A igreja deve obedecer com inteligência ao seu pastor (I Tm. 4.11; 5.7; Tt. 2.15; He. 13.17).

18.3. A igreja deve valorizar e respeitar o seu pastor (Rm.13.7; I Co. 16.10-11; Fl. 2.29-30; I Ts. 5.12-13; I Tm. 3.1;4.12; 5.17-20).

18.4. A igreja deve sustentar condignamente o seu pastor (Nm. 18.6, 11-14, 24; Dt. 14. 27-29; I Co. 9.4 -14; Gl. 6.6; Fl.4.15-19; I Tm. 5.17-18).

19) A IGREJA E O SEU ESTATUTO

19.1. O que é um Estatuto? É a constituição ou regulamento da Igreja. Podemos também dizer que é a "Carta Magna" da Igreja. É o documento que contém as normas relativas à forma de governo, distribuição de competências, direitos e deveres dos membros, doutrina e finalidade da igreja, quem pode fazer parte da igreja etc. Todo membro deve conhecer o Estatuto da sua igreja e ter uma cópia em seu poder.

19.2. A Igreja como Pessoa Jurídica: Para que a Igreja seja reconhecida perante a Lei e possa reivindicar seus direitos, ela precisa tornar-se pessoa jurídica. Para tanto, é necessário que a Igreja, em assembleia, aprove o seu Estatuto, publique-o no Diário Oficial e registre-o no Cartório de Registro de Títulos e Documentos. Depois de registrado, deverá ser levado à Receita

Federal para receber o número do CNPJ (Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas).

20) A IGREJA E SUAS FINANÇAS

20.1. A igreja é sustentada financeiramente através dos dízimos e ofertas voluntárias dos seus membros, que são entregues como um ato de culto em suas reuniões, conforme ensina a Bíblia (Mt. 3.8-10; Mt. 22.21; 23.23; At. 2.44 - 45; I Co. 9.1-14; 16.1-2; II Co. 8.1-4; Fl. 4.15-19)

20.2. A Igreja não recebe verba de órgãos públicos para seu sustento.

20.3. A Igreja tem um orçamento, aprovado em assembleia, regulamentando como ela pretende gastar seus recursos financeiros.

20.4. A Igreja declara anualmente à Receita Federal o seu movimento financeiro.

20.5. As finanças da Igreja são administradas pelo Ministério de Patrimônio, Finanças e Obras, e uma Comissão permanente de exame de contas, que dá parecer sobre o relatório financeiro da tesouraria, apresentando-o a cada dois meses nas Assembleias Ordinárias da Igreja.

20.6. A igreja tem uma conta bancária em seu nome e, de acordo com o seu Estatuto, toda movimentação financeira só pode ser feita com a assinatura do Presidente e do 1º Tesoureiro.

20.7. Nenhum bem material de grande valor pode ser alienado ou adquirido sem a aprovação da Assembleia da igreja.

BIBLIOGRAFIA

1. Bíblia Sagrada
2. Revista *Eclesiologia “Doutrina da Igreja”* - J. F. Sobrinho/JUERP
3. *Manual da Igreja e do Obreiro* – Ebenézer Soares Ferreira /2002
4. *O Cristianismo Através dos Séculos* – H.H. Muirhead /1949
5. *Organização Batista* – Paulo Porter / CPB / 1962
6. *Revista Congresso de Eclesiologia* / CBESP / 1985
7. *Revista “Doutrina Bíblica da Igreja”* – G. Grober / JUERP /1984
8. *Breve História dos Batistas* – José dos Reis Pereira / CPB /1972

PARTE II

HISTÓRIA E IDENTIDADE BATISTA

Pr. Tarcísio Farias Guimarães

Memória e Identidade Batista

Lição I

I. INTRODUÇÃO

Todo indivíduo tem uma identidade, tendo também consciência de si mesmo e senso de pertencimento a um grupo humano, assim pode saber distinguir-se da multidão e associar-se com outras pessoas que mantêm crenças e práticas semelhantes.

Temos uma história de vida particular marcada por realizações, pessoas, escolhas e, até mesmo, desacertos. Assim acontece com a família da qual fazemos parte, o país no qual vivemos, a igreja que escolhemos para a vivência da fé e de outras tantas convicções cristãs.

Como Igreja Batista temos uma identidade singular, constituída ao longo dos séculos, herdada da experiência de muitos cristãos que atuaram na história. Mas, somos também uma comunidade cristã local, organizada em 27 de julho de 1919 com o nome “Igreja Batista de Divinópolis”.

As Escrituras Sagradas nos ensinam que *“Havendo Deus antigamente falado muitas vezes, e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, a nós falou-nos nestes últimos dias pelo Filho”* (HEBREUS 1:1). Assim, entendemos que Deus é o Senhor da história, revela-se a quem quer, com os meios que Ele mesmo tem escolhido.

“Estudar História da Igreja é comemorar, é buscar a memória cristã de cada um. Por quê? Porque Deus entrou na história, atuou na história e está levando a história a um alvo” (DREHER, 1993, p.9).

II. HISTÓRIA DE UMA REFORMA

Somos uma continuidade histórica da Igreja estabelecida ainda no século I D.C. na região da Palestina, a qual recebeu Jesus Cristo como seu fundamento (MATEUS 16:18 / JOÃO 6:68 / I CORÍNTIOS3:11) e teve numa festa de Pentecostes o seu marco de fundação inicial (ATOS 2) de onde ampliou-se para muitas outras regiões, agregando a si todos que reconheceram Jesus Cristo como Messias, o Salvador e único Deus verdadeiro (MATEUS28:19,20).

Essa Igreja experimentou durante a Antiguidade (séculos I-V) e Idade Média (séculos VI – XVI) um crescimento notável, tornando-se o Cristianismo a maior religião do mundo. Todavia, momentos de conflitos surgiram, com grandes divergências teológicas, disputas internas e inimigos da fé cristã promovendo duras perseguições à mesma.

Dentre estes momentos de crise, a história nos revela a situação confusa em que se metera a Igreja Cristã na segunda metade da Idade Média, provocando um distanciamento dos propósitos para os quais a igreja foi chamada a existir e testemunhando o surgimento de muitos grupos dissidentes insatisfeitos com a orientação católico-romana.

Dentre as principais causas para que reformas fossem exigidas, destacamos: a ausência de um programa continuado para estudo da Bíblia; pequena participação popular nas decisões da Igreja; corrupção política das lideranças eclesíásticas; práticas consideradas pagãs em missas, procissões e peregrinações; relativismo moral do clero com aceitação de vícios e prostituição; exploração aberta dos fiéis com o comércio de taxas, impostos, doações, indulgências e penitências; aceitação de ensinamentos não confirmados pelas Escrituras.

O secular e o espiritual andavam tão unidos que se tornara difícil distingui-los, sendo que ensinamentos e a vida da Igreja deixaram de evidenciar semelhanças com o Evangelho e passavam ao largo das necessidades sócio-espirituais das pessoas.

Muitos protestaram a formação de uma nova Igreja. Nomes como João Huss, João Wycliffe, Martinho Lutero, João Calvino, Thomas Müntzer e Zwinglio proclamaram a necessidade de transformações radicais na sociedade europeia do final do século XV.

“A síntese medieval foi desafiada durante a Reforma, em sua política, pela ideia de que a igreja universal deveria ser substituída por igrejas nacionais ou estatais e igreja livres. A sua filosofia escolástica, unida à filosofia grega, deu lugar à teologia bíblica protestante. Os sacramentos e as obras deram terreno à justificação pela fé somente. A Bíblia, e não a Bíblia e a tradição como interpretada pela Igreja, tornou-se a norma” (CAIRNS, 1988, p. 221).

III. PRINCÍPIOS DA REFORMA PROTESTANTE

O Movimento denominado Reforma Protestante congregou em vários países da Europa, no século XVI, grupos que entendiam ser urgente uma revisão na doutrina e na prática da Igreja Cristã, vindo a publicarem traduções da Bíblia para as línguas nacionais e outros documentos que expunham os protestos reformadores, como é o caso das “95 teses de Martinho Lutero”, publicadas em 31 de outubro de 1517.

Os cristãos chamados protestantes reafirmaram alguns pontos da doutrina cristã aceitos pelo Catolicismo, como as seguintes crenças:

- Deus é Criador e Pai
- Cristo é Senhor e Salvador
- A Igreja é o Corpo de Cristo e a comunidade dos crentes
- A Bíblia tem valor religioso único
- O Cristianismo estabelece a moralidade pessoal e social

A partir desses postulados teológicos, a Reforma Protestante retomou outras cinco chaves de compreensão de fé cristã não aceitas pela Igreja Católica, as quais são:

- A centralidade das Escrituras na vida da Igreja
- O ponto de partida da teologia bíblica na justificação pela fé
- Entendimento da natureza humana na perspectiva da queda, da depravação total
- Ênfase na ação da graça divina para salvação
- Sacerdócio universal de todos os crentes.

IV. CONCLUSÃO

A partir do século XVI, o Catolicismo deixaria de ser o único representante do Cristianismo no Ocidente, pois, o Protestantismo se desenvolveria por todo o mundo dando origem a Igrejas que até os dias atuais sustentam a mensagem reformada, dentre as quais destacamos as Igrejas Batistas.

Os batistas surgiram com este nome na Inglaterra, ainda nos primeiros anos do século XVII, preservando a memória do Cristianismo neotestamentários e assumindo a identidade protestante.

Como veremos na próxima lição, os batistas levam a sério à máxima da Reforma Protestante: “Igreja reformada sempre reformando”, a fim de continuarem promovendo um reencontro dos crentes com a Bíblia e com o Cristo de Deus.

Memória e Identidade Batista

LIÇÃO II

I. INTRODUÇÃO

As incertezas que o Cristianismo experimentou durante a Idade Média não foram completamente resolvidas pela *Reforma Protestante*, pois, em muitos países da Europa os séculos XVI e XVII testemunharam guerras religiosas que impediam o exercício livre da fé e da consciência por cada cristão convicto de suas escolhas.

Vários grupos identificados com os princípios evangélicos mantiveram-se fiéis à proposta de promover um retorno completo da Igreja ao modelo do Novo Testamento, dentre os quais destacamos batistas, independentes ou congregacionais, menonitas, quakers. Esses grupos queriam liberdade plena no exercício da consciência e da fé, sem que o Estado tivesse o poder de interferir nos rumos das Igrejas Cristãs.

Com a pregação insistente proclamando a exclusividade da Bíblia para regulamentar a vida cristã, os primeiros batistas surgiram na Inglaterra tendo ideal separatista, isto é, defendendo separação radical entre Igreja e Estado, e recuperando doutrinas cristãs que ao longo dos séculos receberam pequena atenção da Igreja e dos seus dirigentes.

Os batistas ingleses sofreram os resultados de uma sociedade sem garantias para que houvesse escolha religiosa livre, todavia, não abdicaram da sua crença.

II. UM POVO CHAMADO “BATISTA”

Institucionalmente, os primeiros batistas organizaram-se no início do século XVII, na Inglaterra, período no qual a *Igreja Anglicana* gozava de privilégios de religião oficial, impedindo duramente que qualquer outro culto fosse praticado em solo inglês.

A luta por liberdade de consciência e em matéria de fé foi uma bandeira dos primeiros batistas, os quais admitiam que a fé é resultante de uma experiência pessoal (EZEQUIEL 18:1-4 / JOÃO 1: 4-13 / MARCOS 16:16 / ATOS 16:31). Assim, os primeiros batistas ingleses escreveram: *“O rei é um homem mortal e não Deus. Portanto, não tem poder sobre as almas imortais dos seus súditos para fazer lei e ordenanças para eles e colocar senhores espirituais sobre eles. Se o rei tem autoridade para fazer senhores e leis espirituais, então ele é um Deus imortal e não um homem mortal”* (Thomas Helwys).

Os batistas ensinavam que todo cristão deve ter a experiência individual de genuína conversão ao Evangelho de Cristo (ATOS 4:32-37 / II CORÍNTIOS 5:17 / GÁLATAS 5:24,25) e, como expressão confirmatória dessa experiência, devem batizar-se, após pública profissão de fé (ATOS 8:12, 36-39; 18:8) e só, então, passar a fazer parte de uma Igreja local como seu membro efetivo, tomando parte em suas decisões. Dessa forma, não se admitia batismo infantil, pois, crianças não podem professar conscientemente sua fé.

O Batismo e a Ceia do Senhor eram observados por esses cristãos batistas como símbolos da salvação, que não conferem graça aos seus participantes, antes, são um testemunho notável da realidade que alcança todo cristão: salvação e regeneração conquistados por Jesus Cristo em seu sacrifício vicário (MATEUS 3:5, 6, 13-17: 26:26-29 / ROMANOS 6:3-8 / I CORÍNTIOS 11:20, 23-30). Essa posição feria a postura sacramental da Igreja Anglicana, na qual o batismo e a Ceia do Senhor são ministrados como meios para alcançar perdão e salvação.

Florescendo entre os estratos pobres da sociedade inglesa, há notícias de que em 1606 reunia-se na localidade de Gainsborough um grupo separatista pastoreado por John Smyth, intitulado “o povo livre do Senhor”, insatisfeito com as pompas da Igreja Anglicana e interessado no estudo profundo do Novo Testamento.

Esse grupo liderado por John Smyth sofreu duras perseguições por parte da Igreja Oficial, até que em 1608 emigrou para Amsterdam, na Holanda, onde havia um clima de tolerância e liberdade religiosa. A viagem para a Holanda foi custeada com recursos de Thomas Helwys e o grupo batista só retornaria à Inglaterra em 1611.

Em 1612, os dois líderes (John Smyth e Thomas Helwys) foram reconhecidos como pastores desse grupo, ou seja, da Primeira Igreja Batista na Inglaterra, especificamente em Stapfields, arredores de Londres, e constituíram uma declaração de fé onde expunham suas convicções. *“Se nós, entretanto, estando anteriormente enganados no caminho do batismo infantil, agora abraçamos a verdade no verdadeiro batismo cristão apostólico, então que nenhum homem nos impute isto como erro”* (John Smyth).

III. EM QUE CRÊEM OS BATISTAS

Os discípulos de Cristo que vieram a ser identificados pelo nome “batista” caracterizavam-se pela sua fidelidade às Escrituras, da qual retiraram os princípios que defenderiam, ainda que sob ameaças de governos e opositores. Esses princípios que definem a identidade batista são:

1º) A aceitação das Escrituras Sagradas como única regra de fé e conduta (SALMOS 19:7-9; 119:105 / JOÃO 17:17 / ROMANOS 15:4 / II TIMÓTEO 3:16, 17).

2º) O conceito de igreja como sendo uma comunidade local democrática e autônoma, formada de pessoas regeneradas e

biblicamente batizadas (MATEUS 18:15-17 / ATOS 20:17-28 / I CORÍNTIOS 1:2-10).

3º) A separação entre Igreja e Estado (MATEUS 22:21 / ROMANOS 13:1-7/ ATOS 19:34-41).

4º) A absoluta liberdade de consciência (JOSUÉ 24:15/ ROMANOS 14:4,5,14 / TIAGO 4:12 / I PEDRO 2:16).

5º) A responsabilidade individual diante de Deus (EZEQUIEL 18:20/ DANIEL 12:2/ MATEUS 25:32, 46 / JOÃO 5:29).

6º) A autenticidade e apostolicidade das Igrejas (ATOS 2:42-47; 16:4,5 / I CORÍNTIOS 3:11 / EFÉSIOS 2:19-22; 3:5,6).

IV. CONCLUSÃO

Essa Primeira Igreja Batista dos tempos modernos manteria, em meio às perseguições, sua fidelidade aos princípios anteriormente citados, conquistando novos crentes e organizando igrejas por toda a região das proximidades de Londres, até que viriam a expandir-se por todo o mundo.

De fato, tornou-se verdade na experiência batista a parábola do grão de mostarda, que nos ensina acerca do desenvolvimento do Reino de Deus: *“O reino dos céus é semelhante a um grão de mostarda que um homem tomou, e semeou no seu campo; o qual é realmente a menor de todas as sementes; mas, depois de ter crescido, é a maior das hortaliças, e faz-se árvore, de sorte que vêm as aves do céu, e se aninham nos seus ramos”*. (MATEUS 13:31,32).

Memória e Identidade Batista

Lição III

I. INTRODUÇÃO

Já estudamos o contexto no qual organizou-se a Primeira Igreja Batista na Inglaterra, em 1612, com o modelo adotado pelos batistas modernos.

A perseguição aos dissidentes da Igreja Oficial inglesa, no tempo do rei Jaime I, foi dura e ininterrupta, provocando o abandono da Inglaterra por vários grupos evangélicos, inclusive os batistas, que emigraram para regiões onde poderiam exercer com liberdade sua fé e as escolhas pertinentes à vida civil.

O grupo de fugitivos ingleses que reuniu o maior número de pessoas dirigiu-se aos Estados Unidos da América que, àquela época, era a colônia mais próspera da Inglaterra, pois, apresentava possibilidades de trabalho com a terra e de colonização em áreas ainda desabitadas. *“Esse grupo era o dos “Pilgrim Fathers”, os Pais Peregrinos, que fretou um pequeno navio (Mayflower) e desembarcou na costa do atual Estado norte-americano de Massachussetts, em 1620. Os pais peregrinos chamaram àquela região em que se estabeleceram de Nova Inglaterra, saudosos que estavam do torrão natal, apesar de toda a perseguição. Ali se estabeleceram e ali prosperaram”.* (PEREIRA, 2001, p. 53).

Os primeiros batistas chegaram à América do Norte fugindo da onda de perseguição religiosa mantida na Inglaterra por Carlos I, filho do intolerante Jaime I, e deram origem à Primeira Igreja Batista de Providence, em 1639, e à Igreja Batista em Newport, no ano de 1648.

II. A FORMAÇÃO BATISTA NORTE-AMERICANA

Curiosamente, os protestantes que deixaram a Inglaterra em função da ausência de liberdade religiosa, mantiveram-se, nos Estados Unidos, fiéis à união entre Igreja e Estado, promovendo interferência do poder público nas decisões da Igreja e determinando, em tribunais, penalidades para as faltas cometidas no âmbito da vida religiosa particular.

Em meio às dificuldades encontradas para se viver com liberdade religiosa, Roger Williams passou a pregar sermões em que expunha sua discordância à união entre Igreja e Estado, assim como pregava a necessidade de ser promovido entre as Igrejas da época um estudo mais aprofundado do Novo Testamento, eliminando-se práticas equivocadas como o batismo infantil e o “batismo” por aspersão.

Depois de julgado e condenado ao banimento pelas autoridades de Boston, Roger Williams passou um tempo vivendo entre amigos indígenas, até que organizou um núcleo de colonização na Baía de Narragansett, em Rhode Island, com vários membros de sua ex-igreja em Salém. Nesse local foi oficializada, em sua fundação, a norma geral de absoluta liberdade religiosa, com completa separação entre Igreja e Estado. Estava assim, preparado o ambiente para estabelecimento da Primeira Igreja Batista em solo norte-americano, naquele local que o Pr. Roger Williams chamou Providence (*o lugar da providência divina*).

Os batistas têm sido conhecidos por serem o maior grupo evangélico presente, atualmente, nos Estados Unidos. Todavia, quem quiser conhecer de perto esse grupo deve perguntar pelas crenças que os mesmos têm difundido, as quais já foram citadas na lição II desta série de estudos.

A valorização da experiência de fé que marca a conversão do indivíduo a Cristo, o lugar central que a Bíblia recebe nas Igrejas Batistas, o princípio da separação entre Igreja e Estado, a cooperação no modelo denominacional, a ênfase na obra missionária mundial e o respeito às liberdades civis têm sido

reconhecidas como marcas preservadas pelas Igrejas Batistas em todo o mundo.

III. EXPANSÃO BATISTA NO MUNDO

A partir do século XVIII haveria a formação crescente de um espírito de expansão missionária, em meio às notícias de que Guilherme Carey, um pastor batista inglês, e outros evangélicos na Europa estavam empenhados na evangelização de povos não-cristãos, reconhecendo que a tarefa missionária se constitui num mandato divino explicitado pelas Escrituras Sagradas.

O mesmo sentimento que levou Carey a deixar tudo o que tinha e ir para a Índia evangelizar, sem garantias de sustento financeiro, estava tomando conta das Igrejas evangélicas norte-americanas a cada nova informação daquilo que estava acontecendo nos primeiros campos missionários da África e da Ásia.

A (re) leitura de textos como MATEUS 28:19, 20 / LUCAS 24:46-49 / JOÃO 17:20; 20:21 / ATOS1:8 / ROMANOS 10:13-15 / II CORÍNTIOS 5:18-20 / I TESSALONICENSES 1:8 / I PEDRO 2:9, 10 fez parte da era dos grandes avivamentos nos EUA, nos quais proclamavam-se a necessidade dum reencontro do crente com a Bíblia e com Deus na sua vida diária, tendo como consequência direta a produção de um compromisso verdadeiro e duradouro com a obra de Missões Mundiais.

Os evangélicos, dum modo geral, e os batistas, em particular, *“se viam cheios de vitalidade. Por isto eles se lançaram a uma empreitada mundial, que o batista Francis Wayland (1796 – 1865) definiu assim, num sermão em 1824: ‘Nosso campo é o mundo. Nosso objetivo é realizar uma completa revolução em toda a raça humana’”* (AZEVEDO, 1996, p. 138). Estava preparado o caminho, sem volta, da expansão batista por todo o mundo.

A Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos, da qual somos herdeiros diretos, organizou sua Junta de Missões Estrangeiras (Junta de

Richmond), escolhendo como seu primeiro campo missionário a China, para onde foram enviados Adoniram Judson e sua esposa. A essa altura, os batistas do Sul haviam fundado o Seminário Teológico de Ashville e, posteriormente, em Fort Worth, Texas, a fim de prepararem pastores e missionários com sólida formação ministerial para suprirem a demanda da expansão missionária nos campos do mundo.

Dessas experiências batistas nos Estados Unidos, devemos reconhecer o valor da liberdade como princípio salutar para desenvolvimento de uma sociedade justa e respeitosa das individualidades de seus cidadãos, mas também devemos nos inspirar no esforço para se manter uma prática constante de estudo da Bíblia. Isso foi o motor que gerou, em grande medida, o movimento missionário em prol da evangelização mundial.

IV. CONCLUSÃO

O Brasil passou a fazer parte do projeto missionário empreendido pelos batistas do sul dos Estados Unidos, já estando presente nos planos da Junta de Missões Estrangeiras desde 1851, quando cogitou-se a possibilidade de enviar um missionário ao Rio de Janeiro. Esse plano teria como primeiro missionário Thomas Jefferson Bowen.

T. J. Bowen foi, inicialmente, enviado para a Nigéria, de onde retirou-se por razões de saúde. A pedido seu, a Junta de Richmond o envio ao Rio de Janeiro, em 1859, para implantar o trabalho missionário entre brasileiros, principalmente entre os escravos de origem africana com quem Bowen podia comunicar-se melhor, devido aos seus conhecimentos da língua iorubá.

Essa primeira tentativa não vingou e o missionário T. J. Bowen foi reconduzido, em 1861, aos Estados Unidos. Todavia, alguns anos depois, chegariam ao Brasil os primeiros missionários batistas com o plano de evangelizar todo o país.

Memória e Identidade Batista

Lição IV

I. INTRODUÇÃO

Os primeiros missionários batistas chegaram ao Brasil na 2ª metade do século XIX, tendo como referenciais o movimento batista da Inglaterra e dos EUA. Estavam convictos de que *“O campo é o mundo”* e, por isso, deveriam trabalhar *“indo por todo o mundo, pregando o Evangelho a toda a criatura”* (MARCOS 16:15).

A organização das missões evangélicas no Brasil empreendeu três estratégias principais. Primeiramente, enviando colportores de Bíblias, ou seja, vendedores ambulantes que distribuíam exemplares da Bíblia Sagrada nos locais menos povoados e também nos centros urbanos. Em segundo lugar, enviando missionários sustentados por igrejas de seus países de origem, sendo a maioria de norte-americanos. E por fim, organizando igrejas locais, escolas, hospitais e editoras.

Vejamos, pois, os pontos de destaque para nosso estudo de presença missionária batista no Brasil.

II. OS BATISTAS BRASILEIROS

A primeira vez que os batistas do sul dos EUA decidiram enviar um missionário para atuar no Brasil foi em 1859. Esse missionário era Thomas Jefferson Bowen (1814-1875), que antes havia atuado na África e onde ficara muito doente, até que retornou aos EUA para tratar a saúde e preparar uma gramática em iorubá, já que seu próximo campo de trabalho seria o Brasil, colônia com uma grande população de afrodescendentes.

Bowen e sua família chegaram ao Brasil em 1859, desembarcaram no Rio de Janeiro desejosos de formar uma igreja de fala inglesa e outra para atender aos escravos de origem africana. Diante das muitas restrições legais que enfrentou, sendo levado à prisão, ele não conseguiu passar mais do que nove meses no Brasil. Distribuiu, nesse período, algumas Bíblias e conversou com vários escravos, procurando meios para evangelizá-los.

A segunda entrada de batistas no Brasil deu-se por meio de imigração de norte-americanos que se estabeleceram na região de Santa Bárbara do Oeste, em São Paulo, a fim de colonizarem as vastas terras brasileiras ainda não utilizadas. Como eram, em sua maioria, evangélicos, procuraram formar igrejas e trazer pastores dos Estados Unidos para presidi-las.

Em 10 de setembro de 1871, sob a liderança do pastor Richard Ratcliff, foi organizada uma igreja batista em Santa Bárbara do Oeste, de fala inglesa. Oito anos depois, uma segunda igreja batista, no local chamado Estação (atualmente, Americana-SP), foi organizada, especificamente em 02 de novembro de 1879. A partir de então, a Junta de Richmond passou a estabelecer contatos periódicos com os batistas norte-americanos residentes no Brasil.

Ainda em 1879 essas duas igrejas de fala inglesa foram elevadas à categoria de “Missão Brasileira”, sendo responsáveis por enviar aos EUA notícias do Brasil e prepararem-se para receber os missionários que seriam enviados para a evangelização do extenso território brasileiro. Assim, escreveram à Junta de Richmond nos seguintes termos: *“enquanto Igreja, não solicitamos auxílio financeiro para construir uma casa de adoração ou para pagar o nosso pregador; somos capazes, sob as bênçãos da Providência, de manter a nossa própria casa. Mas não temos a possibilidade de enviar homens para pregar aos outros; não dispomos nem de homens e nem de meios para esse propósito (...) Esperamos que uma grande comunidade batista neste país seja somada à grande família batista mundial, ensinando, pregando, e praticando a fé que uma vez foi dada aos santos”*. (REILY, 1993, pp.133 e 134). Essa correspondência está datada de 12 de outubro de 1872, expedida em

assembleia da Primeira Igreja Batista Norte-Americana do Brasil, que contava a essa altura com seu pastor, dois diáconos e vinte e três membros.

Muitos apelos e convites foram feitos aos jovens vocacionados nos EUA para aceitarem a proposta de evangelizar o Brasil. Um desses entusiastas da obra missionária foi o ex-general Alexandre Travis Hawthorne, que conseguiu convencer William Buck Bagby e Anne Luther Bagby a virem para o Brasil.

Esse casal missionário chegou ao Brasil em 1881, no Rio de Janeiro, indo logo para Santa Bárbara do Oeste a fim de ambientar-se ao campo missionário brasileiro e à língua portuguesa. Ali os Bagby vieram a encontrar-se com o recém-chegado casal de missionários Zachary Clay Taylor e Kate Stevens Crawford Taylor. Passaram dois meses e meio entre os irmãos da Colônia de Santa Bárbara do Oeste, onde conheceram o primeiro pastor brasileiro – Antônio Teixeira de Albuquerque, um ex-padre católico romano que se converteu ao protestantismo.

Esses foram os primeiros batistas que se envolveram na organização da primeira igreja batista com fala e identidade brasileira. Escolheram Salvador para receber a missão, argumentando que esta era uma cidade bastante populosa, tinha em sua volta uma região muito povoada, era ligada por mar e ferrovias com outras vilas e cidades importantes e, ainda, levaram em consideração a pequena presença de missionários evangélicos na Bahia, pois, sabiam apenas de dois presbiterianos que atuavam ali.

Em 15 de outubro de 1882 organizaram a Primeira Igreja Batista da Bahia com os seguintes fundadores: Antonio Teixeira de Albuquerque, Zacarias Clay Taylor, Kate Stevens Crawford Taylor, William Buck Bagby e Anne Luther Bagby. Esses mantiveram as doutrinas, os cultos e o insistente trabalho de evangelização entre os baianos, solicitando sempre aos batistas norte-americanos mais missionários para ajudarem na extensa tarefa de levar a mensagem do Evangelho a cada brasileiro.

Após as primeiras conversões na Bahia, o casal Bagby dirigiu-se ao Rio de Janeiro, onde promoveu, em 24 de agosto de 1884, a organização da Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro. Era esse um tempo de pequena tolerância a qualquer religião não-católica, havendo em meio ao trabalho missionário muita oposição e ameaças de prisão.

Foi num ambiente pouco receptivo que o ex-padre Antonio Teixeira de Albuquerque se estabeleceu em sua terra natal – Maceió. Ali promoveu a organização da Primeira Igreja Batista de Maceió, com 10 membros, em 17 de maio de 1885, da qual foi o primeiro pastor. A essa igreja seguiu-se a organização da Primeira Igreja Batista de Recife, com 06 membros, em 04 de abril de 1886 e, posteriormente, as igrejas de Niterói, Belém, Natal, Belo Horizonte, São Paulo e Manaus.

Diante do notável crescimento missionário batista no Brasil naqueles vinte e cinco anos decorrentes da organização da Igreja na Bahia, foi aberta solenemente, em 22 de julho de 1907, a primeira assembleia da Convenção Batista Brasileira, que teve como seu primeiro presidente o Pr. Francisco Fulgêncio Soren. Ainda nessa Assembleia foram criadas a Junta de Evangelização Nacional, a Junta de Missões Estrangeiras, a Casa Publicadora Batista, a União de Mocidade, a Junta de Educação e Seminário que serviriam ao trabalho cooperativo das 83 igrejas, as quais já reuniam 4.200 membros.

A Convenção Batista Brasileira, da qual a Primeira Igreja Batista em Divinópolis é membro filiada, existe para difundir “quatro pilares: 1) a compreensão da natureza da Igreja neotestamentária local; 2) a posição do indivíduo no propósito de Deus; 3) o governo democrático da Igreja; 4) o princípio da cooperação. A igreja batista local é o ponto de partida e de chegada da “Convenção Batista Brasileira” (Extraído da filosofia da CBB).

Essas igrejas que se associam, voluntariamente, têm por finalidade promover o Reino de Deus em todo o tempo e lugar. Fazem isso por meio de suas Juntas Missionários, Escolas, Seminários, Institutos, Editora, Órgãos e Assembleias Gerais onde o povo batista planeja todo o seu trabalho.

III. CONCLUSÃO

Somos parte dessa história cristã e batista, pois, cremos em Jesus Cristo, único e verdadeiro cabeça da Igreja (I CORÍNTIOS 12:27 / EFÉSIOS 4:15,16) e nos associamos àqueles que estão empenhados no propósito de expandir o Reino de Deus na Terra, por isso, mantemos vínculos de cooperação (e não de submissão) com a Associação das Igrejas Batistas do Oeste de Minas (AIBOM), a Convenção Batista Mineira (CBM), a Convenção Batista Brasileira (CBB), a União Batista Latino-Americana (UBLA) e a Aliança Batista Mundial (ABM).

Fazemos parte da grande família cristã batista que reúne, em 204 países do mundo, 206 convenções gerais, com mais de 110 milhões de batistas unidos pelo lema: *“Um só Senhor, uma só fé, um só batismo”* (EFÉSIOS 4:5).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Israel Belo de. A Celebração do Indivíduo: A formação do pensamento batista brasileiro. Piracicaba: UNIMEP; São Paulo: Exodus, 1996.

CAIRNS, Earle E. O Cristianismo Através dos Séculos: uma história da Igreja cristã. Tradução de Israel Belo de Azevedo. São Paulo: Vida Nova, 1995.

DREHER, Martin N. A Igreja no Império Romano / Coleção História da Igreja. São Leopoldo: Sinodal, 1993.

PEREIRA, José dos Reis. História dos Batistas no Brasil. Rio de Janeiro: JUERP, 2001.

REILY, Duncan Alexander. História Documental do Protestantismo no Brasil. São Paulo: ASTE, 1993.

PARTE III

HISTÓRIA DA PIB DIV

Alda Adília Guimarães Pereira

Eliseu Ferreira

HISTÓRIA DA PIB DIV

EM POUCAS PALAVRAS

Falar sobre a PRIMEIRA IGREJA BATISTA EMDIVINÓPOLIS me traz imenso prazer e responsabilidade.

Primeiramente porque falo de um amor profundo, um amor acima de qualquer paixão, um amor só explicado por Deus, depois porque aqui estou desde que nasci; aqui aprendi os primeiros ensinamentos; aqui fiz amigos; aqui tenho servido a Deus, Aquele que é o Senhor de nossas vidas.

Em poucas e resumidas palavras, relato como começou a história desta tão amada IGREJA.

1914 – Chegaram a Divinópolis os primeiros batistas, vindos de Capela Nova de Betim-MG, para trabalharem na construção da Estrada de Ferro Oeste de Minas, os irmãos Lauro Carlos Ferreira, Manoel Elesbão da Silva e Osório Ferreira.

1915 – Em fevereiro, os batistas de Divinópolis receberam a visita do Pastor Florentino Ferreira.

1916 – Chegou a Divinópolis a família de Eleázaro Ferreira da Fonseca, no fim do mesmo ano, a família de Antônio da Costa Rangel, engrossando assim a coluna batista. Realizaram então, no dia 23 de agosto, o primeiro culto ao ar livre, que os historiadores da época deram o nome de conferência. No dia 30 de setembro deste ano o Pastor Henrique Edwin Cockell visitou Divinópolis.

1917 – O Pastor Daniel Franck Crosland visitou a futura Igreja Batista em Divinópolis.

1918 – Foi organizada aqui uma Congregação Batista da 1ª. Igreja Batista de Belo Horizonte. Este trabalho local já contava com, aproximadamente, 55 pessoas nos cultos, as quais eram visitadas periodicamente pelos pastores O. P. Madox e H. E. Cockell. Reuniam-se na Rua

Itapecerica (antiga Rua da Cava), quase esquina da Avenida Independência (hoje Av. Oswaldo Machado Gontijo), porque os cultos já eram bem concorridos e não comportavam mais as reuniões nos lares.

1919 – Os irmãos já pensavam na organização da Congregação em Igreja, então, adquiriram o terreno da Avenida Independência (hoje Av. Antônio Olímpio de Moraes), esquina com Rua São Paulo, onde hoje encontra-se o “Edifício Costa Rangel”.

1919 – O Pastor Henrique Edwin Cockell mudou-se definitivamente para Divinópolis e, sob a orientação da 1ª. Igreja Batista de Belo Horizonte, o Pastor H. E. Cockell e o Missionário Daniel Frank Crosland, no dia 27 de julho de 1919, organizaram a Igreja Batista em Divinópolis, contando inicialmente com 31 membros. Nesse mesmo dia foi lançada a Pedra Fundamental do Templo Batista, com a presença de quase 100 pessoas.

1920 – Estava em franco andamento a construção do Templo Batista. 1922 – No dia 30 de abril foi inaugurado o Templo, que era o prédio mais bonito de Divinópolis e de Minas Gerais, e um dos mais bonitos dos Batistas do Brasil.

1923 – Iniciou-se a construção do Colégio Batista, que bem antes de ter sua construção concluída começou a funcionar, tendo como sua primeira professora Noêmia Cockell, filha do Pastor Cockell.

1926 – O Pastor H. E. Cockell, deixou o pastorado da igreja, indo trabalhar na sede da Convenção Batista Mineira, em Belo Horizonte. 1927 – Assumiu o pastorado da Igreja o Pastor Florentino Ferreira.

1939 - O Pastor Florentino se transferiu para Araguari (MG) e o Pastor Dr. W. H. Barry ficou na direção da igreja até 1941.

1941 – O Pastor H. E. Cockell assumiu novamente o pastorado da Igreja, época em que foi mudada a fachada do templo, ficando o pastor H. E. Cockell na direção da mesma até 1950.

1950 - Assumiu o Ministério da Igreja o jovem Pastor José Alves da Silva Bittencourt, sendo este o seu primeiro ministério. Pastoreou a igreja até 1960, quando assumiu o cargo de Secretário Auxiliar da Junta Executiva da Convenção Batista Mineira.

1961 – O Pastor Ary Lopes assumiu o pastorado da igreja e, em pouco tempo, dividiu-a por causa da sua postura pentecostal, não condizente com os princípios batistas. Tal divisão ocorreu no dia 24/09/1961.

No dia 01 de outubro, cerca de 80 irmãos fiéis à doutrina batista reuniram-se em culto, realizado na casa do Irmão Nilo Maciel Santos, debaixo de uma mangueira. Continuaram reunindo-se ali por alguns dias e, neste mesmo mês, tornaram-se membros da Igreja Batista do Barro Preto (Belo Horizonte/MG), que organizou aqui uma congregação com total apoio do Pastor Rui Franco de Oliveira. Esta Congregação alugou o melhor salão, no melhor local da Rua Goiás, nº.362 – 1º. andar, onde ficou até 1º. de fevereiro de 1965. No dia 03/12/1961, a Congregação Batista do Barro Preto, em Divinópolis, foi organizada em igreja, continuando o Pastor Rui Franco de Oliveira como seu Pastor interino.

1964 – Novamente, assume o pastorado da Igreja o Pastor José Alves da Silva Bittencourt, o qual, no dia 11/10/64, presidiu o lançamento da Pedra Fundamental do Templo que serviria à nova Igreja (Rua Pernambuco, esquina com Av. 21 de Abril).

1965 – No dia 07 de fevereiro, já reunindo definitivamente no novo Templo, foi realizado no porão o primeiro culto. Não havia vidros nas janelas e a porta da frente era um tapume de madeira, o piso era de cimento grosso, mas era o novo Templo onde se louvava a Deus com alegria de coração.

1967 – A Igreja Batista de Divinópolis recebeu seu novo pastor, Pastor Pedro Manoel de Oliveira, cuja posse aconteceu no dia 05 de janeiro de 1968, com grande festa.

1971 – Em novembro, o Pr. Bittencourt assumiu novamente o pastorado interino da igreja.

1972 – Em novembro, o Pastor Ader Alves de Assis assumiu apastorado da Igreja e terminou a construção do Templo. Fez aqui um grande trabalho, sendo eleito Presidente da Convenção Batista Mineira. Também nesta época a Igreja negociou o antigo Templo da Avenida Antônio Olímpio de Moraes, sendo construído ali o Edifício “Costa Rangel”. Pastor Ader permaneceu na igreja até 31 de janeiro de 1985. 1985 – Toma posse, no dia 03 de agosto, como Pastor da Igreja, Pastor Marcos Coelho Ramos. Trabalhando aqui, com grande alegria e entusiasmo, seu ministério durou até 21 de fevereiro de 1990. 1990 – O Pastor Waltair Bragança, assumiu o pastorado da Igreja, em caráter interino.

1991 – Em 09 de março de 1991, O Pastor Evaldo Carlos dos Santos assumiu o pastorado da Igreja, mostrando para a Igreja a importância da história e que, na realidade, a Igreja Batista de Divinópolis era a PRIMEIRA IGREJA BATISTA DE DIVINÓPOLIS, passando então, nesta época, o nome da Igreja para PRIMEIRA IGREJA BATISTA DE DIVINÓPOLIS – da Convenção Batista Brasileira. Enquanto esteve aqui, ele foi Presidente da Convenção Batista Mineira, Reitor interino do Seminário Batista Mineiro e organizou o Núcleo Educacional Batista (NEB). Ficou em Divinópolis até 12 de janeiro de 1999.

1999 – No dia 23 de janeiro, a 1ª. Igreja Batista de Divinópolis deu posse ao seu novo pastor, o Pastor Nildo Cândido Rosa.

2000 – Começamos a construção do novo Templo. Fomos, então, nos reunir no Edifício “Costa Rangel”, no 2º andar. Logo que foi possível, já voltamos para o novo Templo, onde estamos agora. O pastor Nildo deixou o ministério da PIB DIV em 06 de novembro de 2008.

2008 – Novamente a Igreja Batista do Barro Preto nos emprestou seu pastor, o Pastor Arlécio Franco Costa, que muito nos ajudou na fase de transição pastoral, assumindo a igreja interinamente.

2009 – Recebemos o jovem Pastor Tarcísio Farias Guimarães, vindo da Igreja Batista Nova Alvorada, em Feira de Santana – Bahia, empossado no dia

25 de julho de 2009, quando a PIB DIV comemorou seu “JUBILEU DE ÁLAMO”. São 90 anos de vida, pregando o Evangelho do Senhor Jesus Cristo a toda criatura.

Nota: O irmão Elizeu Ferreira é, atualmente, o membro mais antigo da nossa Igreja, não sendo, porém, o mais idoso. Sua mãe, irmã Lucas Evangelista Ferreira, é a batista mais idosa da nossa querida Divinópolis. Ela é membro da Igreja Batista Memorial em Divinópolis, Igreja filha da PIB DIV.

